

397-28.11.59

A bomba que ainda não estourou



Senhores, que é uma bomba? Uma bomba é uma bomba!

A TÊ o momento em que escrevo — vocês sabem que para uma revista a gente precisa escrever com uma semana de antecedência — ainda não se sabe quem colocou as bombas na COFAP, no Conselho do Abastecimento e na torre de energia elétrica do Morro de São Mateus.

A Polícia, naturalmente, já prendeu muitas pessoas, o que é normal e até louvável, pois a Polícia é paga para isso; mas supor que tenha prendido o verdadeiro culpado também é esperar demais.

Estamos no terreno baldio das conjecturas; conjecturemos, pois.

O diabo é que quando a revista sair pode ser que já se saiba... Mas, francamente, não creio. Vamos sentar um pouco diante do assunto, estimado leitor, e trabalhar com a cabeça.

Creio que podemos eliminar de início a gente do povo. O chamado popular é capaz de arrebentar um açougue, comer a carne do boi crua e até mesmo o açougueiro, também cru, e de tamancos — mas faz tudo isso na hora, de improviso, como M. Mathieu pinta seus quadros; é incapaz de organizar técnica e friamente seu gesto de protesto.

Deixemos de lado, portanto, a plebe. Também não devemos pensar mal do clero, nem mesmo no padre Caetano Vasconcelos, apesar daquelas “bombas” que escreve em “O Globo”. É verdade que Dom Hélder Câmara tem inovado muito os métodos de ação popular do clero, tem a cha-

mada bossa nova da *nouvelle vague* da Igreja — mas Dom Hélder estava em uma conferência em Washington.

Acho que podemos deixar de lado também a nobreza, desde o Príncipe Dom Pedro até o Marquês de La Stiffa; eles não são disso.

Teriam sido os comunistas? É verdade, o Coronel Danilo Nunes acha que foram os comunistas! Mas o que é que o Coronel Danilo Nunes acha que não foram os comunistas que fizeram? Como aquele menino da anedota, que só pensava em mulher nua, o Coronel Danilo só pensa em comunista. Além do mais, nós, que na juventude nos arriscamos pelos meandros conspirativos da extrema-esquerda, sabemos que não são os comunistas, mas os anarquistas que trabalham com bombas.

Confesso que estive inclinado a pensar em um anarquista, daqueles clássicos, dos bons tempos de Espanha, que perguntava tranquilamente a um colega — *que hora es en tu bomba?* Mas o nosso dinamiteiro teve o cuidado de evitar deramamento de sangue, cuidado êsse que repugnaria a um terrorista decente.

Pensei também na oposição; mas, naquele mesmo instante, o seu candidato estava dando entrevista na televisão, respondendo amenidades a Máisa e Tônia Carrero, todo eutórico; não é possível.

Há também o candidato do Governo; mas êsse é um marechal, e marechal não trabalha com essas armas. Pensei também no Dr. Juscelino, mas me repugna pensar que êle quei a destruir a Velhacap a dinamite; êle sabe que, tratando o Rio como tem feito o seu Governo, esta cidade acabará caindo de podre, suavemente.

Pelos locais em que foram colocadas as bombas está claro que o dinamiteiro visava: a) protestar contra a direção paisana e frigorificante do Dr. Guilherme Romano; b) manifestar seu desacôrdo pela saída do bravo General Uruaí; c) causar, com a destruição da torre de energia da Light, comoção pública, de maneira a levar o Governo a tomar medidas de exceção e, quem sabe, achar melhor não fazer eleições nesta pinóia desta democracia.

Tratar-se-ia, assim, de um cavalheiro: a) fã do General Uruaí; b) fã do Marechal Lott, mas achando que êle perde á as eleições. Esse cavalheiro pode ser civil ou militar; mais provável a última hipótese, pois, segundo um amigo meu, o paisano brasileiro não tem *know how* nesse negócio de bombas de tempo, o que, aliás, êle considera um de nossos atrasos.

Como o leitor está sentindo, êste método de eliminação está nos aproximando muito da figura do criminoso. Eliminemos ainda, do rol dos suspeitos, o próprio General Uruaí, pois um homem que agride o Governo com aquela sua carta-bomba está de alma lavada e não precisa mais explodir. Consideremos também que o dinamiteiro é pessoa que tinha ou tinha tido acesso (ou amigos íntimos com acesso) à COFAP e ao Conselho de Abastecimento.

Elementar, meu caro Dr. Watson. Estamos, assim, cada vez mais perto do criminoso — e é exatamente por isso que proponho ao leitor parar por aqui, por medida de prudência, e não levar a sério estas minhas elocubrações. Já explodiram três bombas. A quarta será a revelação do nome do homem. Vocês acham que, se eu soubesse, diria?